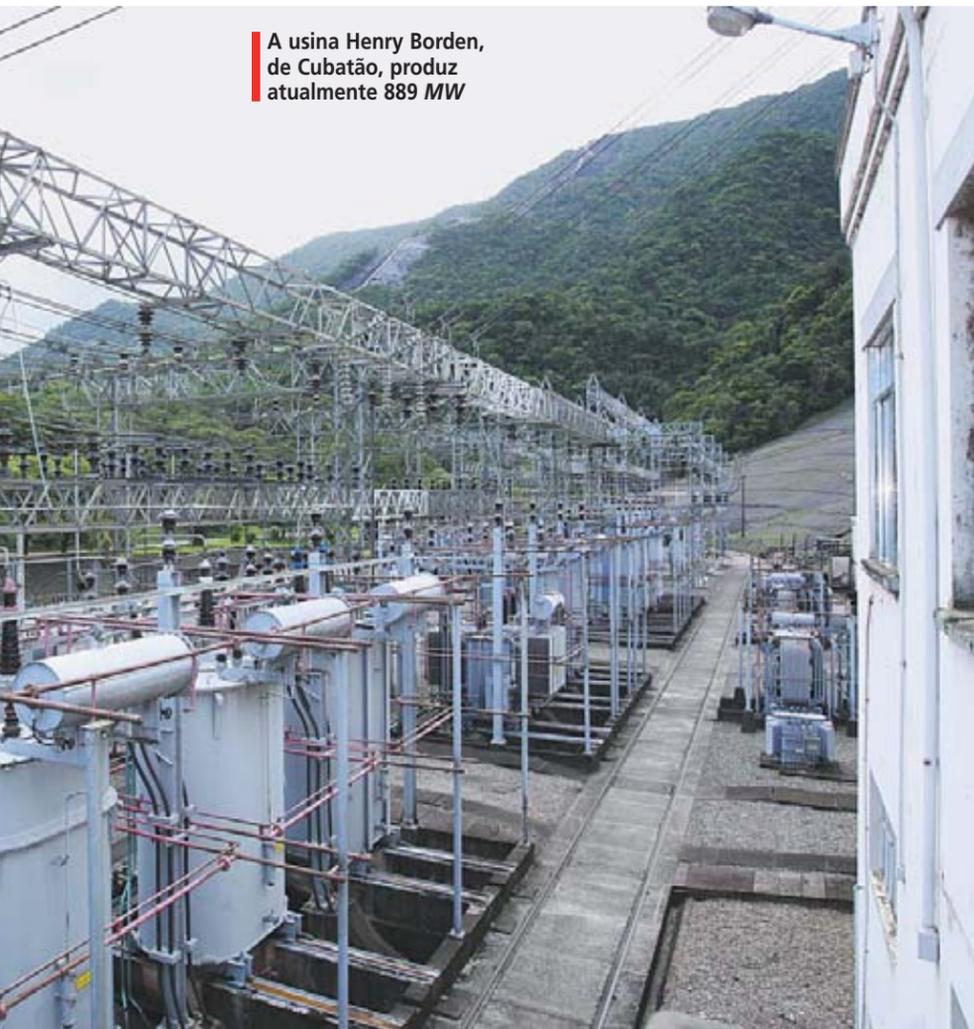


# EN: 85 ANOS ulsionou São Paulo



A usina Henry Borden, de Cubatão, produz atualmente 889 MW



## Amigo é para se guardar

Um grupo de cem aposentados resolveu marcar encontro durante as comemorações dos 85 anos para matar saudades dos anos em que foram amigos de trabalho na Usina Henry Borden. A festa ocorreu na Sala de Visitas, bem no meio da vila. Entre os presentes, Waldemar Barboza, de 96 anos, o mais velho dos aposentados. Ele morou na vila e trabalhou por 50 anos na usina, onde atuou como mensageiro, durante a construção e primeiros anos de operação da hidrelétrica. Depois foi para o escritório, onde se tornou chefe por vários anos.

O pai de Waldemar também trabalhou na usina, como operador de máquina. "Era um paraíso, onde a gente se divertia quando criança e depois como adulto", relembra. Ele conta que chegou a ver animais da Mata Atlântica a passear na propriedade e também se lembra dos vários ipês-amarelos que coloriam a Serra do Mar daquela época. "Muita coisa da natureza acabou ou sumiu com o tempo e com a chegada de várias indústrias na cidade". População e natureza de Cubatão sofreram durante muitos anos com a poluição industrial, hoje controlada. A poucos quilômetros da usina, encontra-se a Refinaria Presidente Bernardes, da Petrobras.

Aos 79 anos, Maria Aparecida Viana da Silveira anda com dificuldade, mas fez questão de comparecer e rever os companheiros antigos. Ela trabalhou 30 anos no escritório e foi a primeira mulher da usina, porém o tempo passou como um raio e Aparecida já esqueceu o período em que foi funcionária. "Eu nasci aqui na vila, quando meu pai era empregado da Light e só saí ao me aposentar". Uma de suas lembranças foi o medo por que passou durante o bombardeio da usina pelos aviões do governo federal em 1932, por ocasião da Revolução Constitucionalista. Ainda bem, ressalva a aposentada, ninguém se machucou com as bombas de Getúlio.

Paulo Alberto Olcese, de 65 anos, não trabalhou na hidrelétrica, no entanto morou muitos anos na vila por ser filho de funcionário. Ele recorda que era um dos poucos moleques que frequentavam a casa do superintendente, "porque minha irmã era namorada dele". Paulo se aproveitou e se divertiu muito com a situação. Usou a piscina, a quadra de tênis e ouviu muito rádio numa época em que o aparelho era coisa rara na região e "chiava mais que chaleira no fogão". Hoje, a irmã e o superintendente têm mais de 50 anos de casados e vivem nos Estados Unidos.

e Tietê



## Homens trabalhando

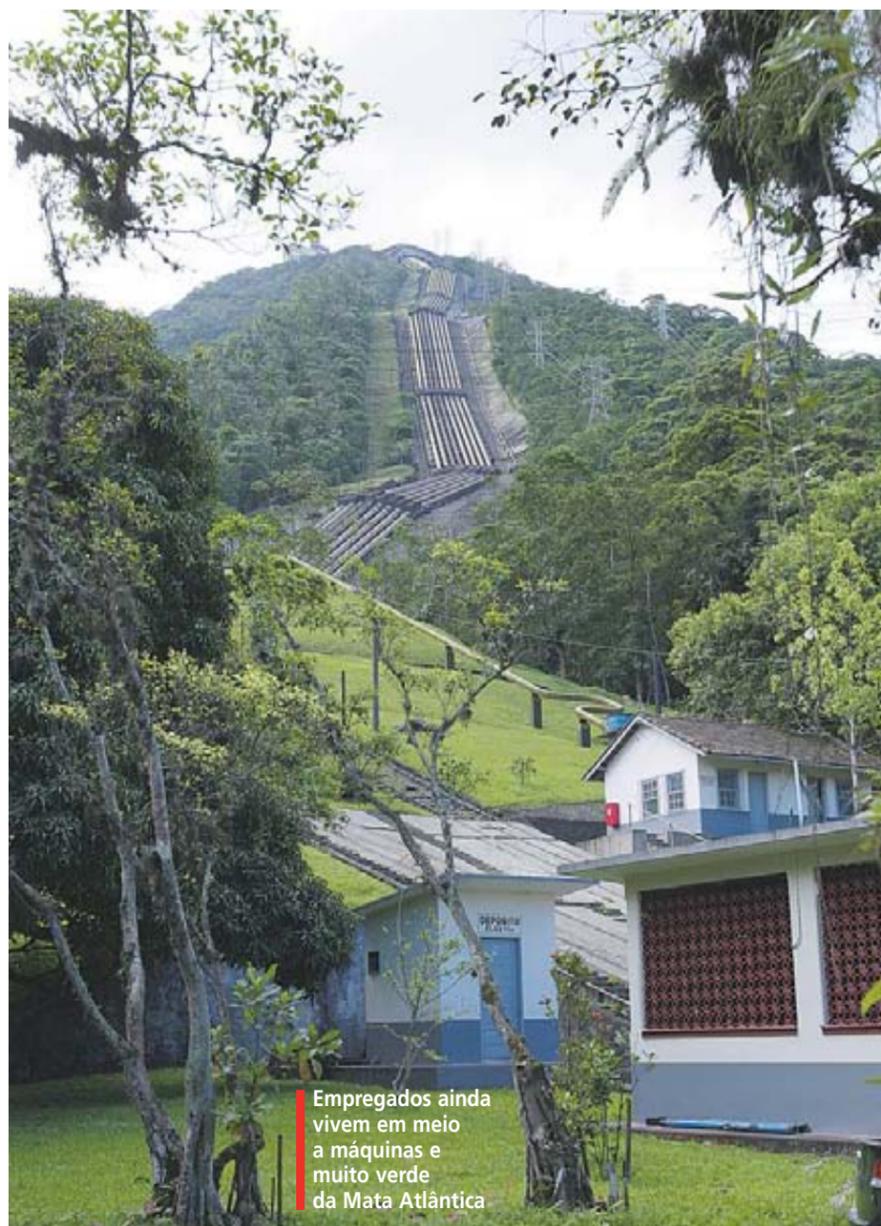
O operador de controle da usina externa, Ronaldo Reis, está no emprego há 35 anos e sem data para parar. "Isto aqui é a minha vida, devo tudo que tenho a esta companhia e ao meu trabalho". Ronaldo ainda mora na vila e já formou seus filhos em Direito e Arquitetura.

O coordenador de operação Mauricio Antonio Furlaneto (foto acima) trabalha na Emae desde 1983. Residiu na vila muitos anos e depois se transferiu para Santos. Sua seção é quase que o coração da usina (ou seria o cérebro?), pois ali é feito o controle da geração de energia e das máquinas, por meio de centenas de instrumentos instalados nos painéis, os equipamentos se parecem com relógios, velocímetros, etc.

Maurício lembra que certa vez, por ocasião de um blecaute na Região Sudeste, ele estava em sua casa, quando

viu a escuridão se abater sobre Santos. Ninguém ordenou, mas ele saiu de casa e se dirigiu à Henry Borden, onde se encontrou com outros colegas. Eles sabiam que tinham o dever de religar as máquinas, pois a usina é *black start*, uma das primeiras a entrar novamente em operação dentro do sistema nacional. Esta expressão inglesa também significa a simulação do religamento na sala de controle, exercício feito periodicamente com os funcionários de usinas de eletricidade para preparar máquinas e homens quando houver blecaute.

Os empregados da Henry Borden vivem o dia a dia em meio a máquinas, muito verde da Mata Atlântica e sob o cantar ininterrupto dos pássaros ou a visita de animais cada vez mais raros. Até tucanos coloridos passeiam pelo local.



Empregados ainda vivem em meio a máquinas e muito verde da Mata Atlântica